

FIDELÍSSIMA, 180 ANOS*

Roberto Machado CARVALHO

Um episódio de destaque da história de Itu deu-se em 17 de março de 1823, alguns meses após a independência política do Brasil. A então vila de Itu recebeu do Imperador D. Pedro I o título de FIDELÍSSIMA. Desde a conhecida chegada de D. João VI em 1808, os títulos honoríficos agraciavam personalidades da Corte e das províncias. O costume prosseguiu, mais tarde e com maior número, no governo de D. Pedro II. Muitos foram premiados pelas graças do governante imperial. Mas, títulos que abrangiam toda uma Vila, em reconhecimento à fidelidade política ao Imperador, eram mais raras. Itu foi uma das vilas privilegiadas naquele período, logo após a Independência. Os títulos eram dados com cuidados especiais. E não era qualquer merecimento. Reconhecia-se para efeito da outorga do título reais méritos, tanto de comunidades, como de pessoas físicas.

O que aconteceu então com Itu para merecer tal dignidade e que, por muitos anos, foi orgulho da Vila, depois Cidade? (a partir de fevereiro de 1842). Nossos dois Imperadores, D. Pedro I e D. Pedro II, em especial este último, tinham grande afeição por Itu. Por três vezes, 1846, 1875 e 1886, D. Pedro II visitou Itu. Admirava a cidade religiosa e seus varões que encaminhavam seus filhos para o Colégio dos padres jesuítas, o antigo Colégio São Luiz e as filhas para o Colégio do Patrocínio, das Irmãs de São José. No seu diário de viagem, ano de 1875, registrou sua passagem por Itu, com elogios aos edifícios públicos e privados e aos vultos ituanos da História do Brasil. Naquela ocasião, D. Pedro II visitou igrejas e ficou impressionado com o número delas, umas 17, incluindo as capelas. Não foi sem razão que o Imperador, segundo uma versão, chamou a cidade de

(*) Transcrito de "A Federação", Itu, 22-3-2003.

“Roma Brasileira”, considerando o número elevado de igrejas, capelas e sacerdotes. O título dado poderia ser chamado de honra ao mérito. E Itu mereceu.

Não se tratou de nenhuma batalha ou de ato heróico para merecer a honraria. Foi um movimento que partiu de Itu e alastrou-se por várias vilas, através de suas câmaras municipais. Movimento ao mesmo tempo de protesto e de solidariedade ao Imperador. Protesto contra os desmandos da Junta que governava a Província de São Paulo, a qual não obedecia as ordens do Imperador D. Pedro I, tido como Defensor Perpétuo do Brasil.

No seio do governo provincial verificou-se uma crise política, formando dois grupos. Os chamados “bernardistas” que chefiavam um movimento revolucionário de oposição ao governo central e os liberais, obedientes às ordens do Imperador. Dois destes, Martim Francisco de Andrada e o Brigadeiro Rodrigues Jordão foram retirados, à revelia, da Junta Governativa de São Paulo. Era o auge da crise. A Câmara Municipal de Itu colocou-se contra os “bernardistas”, manifestando, através de ofícios, inteira lealdade a D. Pedro I.

Itu comandou, sob a liderança de Francisco de Paula Sousa e Melo, uma Coligação de Municípios, formada pelas câmaras de várias vilas. O episódio teve seu pico no dia 23 de maio de 1822, alguns meses antes da Independência política de 7 de setembro do mesmo ano. A crise foi encerrada com a dissolução da Junta e a prisão dos rebeldes, cujos líderes foram recolhidos ao Rio de Janeiro.

Foi em reconhecimento à lealdade dos ituanos que D. Pedro I assinou uma carta-régia datada de 17 de março de 1823, concedendo a Itu o título de FIDELÍSSIMA. Para o leitor ter uma idéia, numa das diversas representações encaminhadas à Corte e assinadas por vereadores, autoridades e cidadãos do povo, pode-se ler: “reiterar à Sua Alteza Real nossos vivíssimos protestos de amor, obediência e fidelidade e nossa indignação pelos fatos da Capital, em desobediência às suas Augustas Ordens”.

Além de “reiterar obediência”, os ituanos manifestavam o desejo de paz e ordem na então Província de São Paulo. Tal tradição é válida

para os nossos dias. Apesar dos muitos atritos, geralmente políticos, registrados em nossa evolução histórica, os ituanos em geral sempre foram denodados defensores da Paz e da Ordem. Desarmamentos dos espíritos exige a família ituana, garantia da concórdia no intra-muros do município e a posição em favor da paz e contra a guerra sempre foram apanágios inseridos na consciência dos ituanos.

